

ENTREVISTA COM A CACICA EUZILENY TORMIAK KRENAK

Pamela Cristina Gois⁷⁶

Cacica Euzileny Tormiak Krenak⁷⁷

A fim de exemplificar um feminismo baseado no modo de vida comunitária e com outras fontes históricas para além do documento produzido pelo homem branco, aqui encontra-se uma pequena entrevista com a Cacica Euzileny Tormiak Krenak, realizada em agosto de 2022. Ela narra o seu percurso até se tornar cacica na aldeia Krenak. Pode-se notar o destaque em sua fala cheia de afeto para importância dos saberes orais e das memórias para as mulheres de sua etnia, algo que corrobora diretamente nos argumentos das feministas tratadas aqui. A vida comunitária descrita por uma mulher Krenak é atravessada pelo poder avassalador do capitalismo, em suas memórias observa-se o quanto essas mulheres estão ainda legadas às consequências das invasões europeias, que trouxeram consigo valores de ordem sexista e segregados. Nesse sentido, suas ações estão para além de valores de um feminismo eurocêntrico, ainda atrelado aos interesses do capital, pois a luta da líder indígena é permeada de atitudes ligadas às questões próprias do seu povo, como a terra, o rio e todo o sustento que eles podem trazer a comunidade. Além do mais, ela não deixa de narrar a importância dos saberes transmitidos por mulheres aos seus filhos(as) e netos(as). Saberes esses que retratam a resistência de toda a comunidade, visando aquilo que é chamado por Julieta Paredes, de bem viver.

Cacica Euzileny Tormiak Krenak

Data de nascimento: *04/08/1982*

Idade: *40*

Filiação: *Luzia Maria Crispim Paulino e Jamir José Paulino*

Localidade onde reside: *Terra Indígena Krenak, Resplendor/MG*

Estado civil: *casada*

Possui filhos: *sim, 3, sendo uma menina de 16 anos e dois meninos de 6 e 10 anos* Formação escolar: *2 graduações (normal superior e pedagogia) e 2 pós-graduações em educação Infantil e educação Especial*

⁷⁶ Graduada em história pela FAFIMAM, especialista em filosofia moderna e contemporânea pela UEL, bacharel em filosofia pela UFOP, mestre em estética e filosofia da arte pela UFOP e doutoranda em história da filosofia pela UFRJ. Atualmente professora na rede pública de educação, atuando há mais de 11 anos na área. Trabalhando com os seguintes temas: filosofia moderna, filosofia da educação e estética e filosofia da arte.

⁷⁷ Graduanda em Pedagogia e formação de ensino normal superior. Pós-graduada em educação Infantil e educação Especial.

1: Você poderia falar um pouco da sua atuação enquanto mulher e indígena na aldeia Krenak e na sociedade atual?

Eu nasci na aldeia e passei meus primeiros anos de vida somente na comunidade, estudávamos em um curral improvisado, me lembro que muito pequena eu já percebia a dificuldade que meus pais passavam para nos dar o sustento, nossa terra era pequena, os fazendeiros nos excluía, cercas muito resistentes limitavam nosso território, eu ouvia o pai dizer que era tudo nosso o que estavam com eles, eram nossas aquelas terras. Queríamos pegar mangas, tinham mangueiras nos pastos, mas se os fazendeiros nos vissem ganhávamos chicotadas, nem gravetos de lenha podíamos pegar. Tínhamos somente o nosso sagrado “Watu” (Rio Doce), por muitos anos ele foi o nosso único meio de sustento. Ele é importante em outros contextos da nossa história, mas na minha história pessoal eu digo que sem ele (Watu) nós teríamos morrido de fome, foram tempos difíceis e eu bem pequena eu já percebia tudo. Em uma ocasião eu estava na casa da minha tia, veio uns invasores, nos tiraram de dentro da casa, quebraram tudo e passaram trator por cima de tudo, essas coisas me revoltavam. Na minha pré-adolescência, fui estudar na cidade, (Resplendor) e aconteceu de conseguirmos ganhar a nossa tão sonhada terra. Meus parentes lutaram muito para conseguir, e na escola nós sofriamos muito, muito mesmo, porque ao desocupar nossas terras os posseiros foram com suas famílias para a mesma cidade que estudávamos. Os preconceituosos, as discriminações e as ameaças me davam impulsos, comecei a participar de encontros de mulheres indígenas, ia acompanhando outras mulheres mais velhas, pedia para ir olhar as crianças, pedia para ir de acompanhante, mais na adolescência passei a ir com meu pai. Vi muitos indígenas da minha idade abandonar os estudos por conta dos desafios de enfrentar a discriminação até mesmo de professores. Fui a primeira indígena krenak nascida e crescida aqui nesse território à formar em um curso superior. Hoje sou mãe, esposa, professora, cacique e tesoureira na associação indígena Bakân. São muitos os desafios, mas quando eu olho para eles me lembro de tudo o que já passamos, me lembro de quem me incentivou, de quem acreditou em mim e então eu sigo buscando a melhor versão. Todo mundo tem um propósito aqui e eu já descobri o meu bem cedo, só tenho que cumpri-lo.

2: Como foi o processo para se tornar cacica? Você sofreu algum preconceito por seu gênero dentro ou fora da aldeia?

Então, a minha luta vem desde muito cedo, mas em um determinado momento eu me tornei presidente de uma associação e foi aí que “me descobriram”, temos a luta sem fim com a Vale, empresa de mineração que passa aqui. Depois do rompimento da barragem de Mariana que mudou toda a nossa vida, mudou o nosso rumo, tivemos “chuvas” de empresas em nosso território, foi necessária uma reorganização, juntar saberes, unir forças, buscar conhecimentos e foi nesse turbilhão de novos desconhecidos que de repente me tornei cacica, nunca foi um sonho almejado, temos 7 caciques homens, nunca tivemos antes uma cacica, mas eu aceitei para ajudar meu povo. Sim, sofri e sofro muitos preconceitos, dentro da aldeia é bem mascarado, lá fora é mais nítido, eu percebo que preciso fazer muito mais esforços que os caciques para conseguir alguma demanda.

3: Como você relata a participação das mulheres na aldeia Krenak, atualmente existe alguma divisão de trabalho ou funções por gênero? Você acredita que houve mudanças ao longo da história do povo Krenak com relação a essa participação?

Ao longo da história, as mulheres krenaks sempre demonstraram ser fortes e guerreiras. Elas defendem seu clã e são as responsáveis por passar a cultura aos filhos e netos. Temos anciãs firmes na luta e ouço histórias de grandes mulheres krenaks que foram líderes na aldeia, mas que não chegaram a ser cacicas por conta da sociedade lá fora que não as valorizam.

4: Existiu ou existe na etnia outras líderes mulheres que você tenha conhecimento? Poderia falar um pouco sobre elas?

Temos mulheres firmes na luta em diretorias das associações (hoje são 8 associações no território krenak), tivemos e ainda temos anciãs muito respeitadas que estão ainda na ativa em lutas com essas empresas.

5: Você tem acompanhado discussões sobre o feminismo? Qual sua opinião sobre esse assunto? Em sua etnia existem debates sobre esse tema?

Sim, tenho acompanhado, eu acredito que temos muito que lutar ainda, que ensinar, que mostrar o nosso potencial. Aqui nós chegamos a abrir uma associação de mulheres para discutir esses assuntos, mas não foi para frente devido à intervenções masculinas.

6: Fora da vida comunitária na aldeia, entre pessoas brancas, você acredita que a violência contra a mulher é maior?

Com certeza, eu vivo na aldeia, mas vejo reportagens e também pela minha experiência lá fora. Faltam políticas públicas para amparar a mulher, a lei Maria da Penha representa um grande avanço, mas infelizmente em nosso país a justiça é muito falha.

7: Você poderia compartilhar um saber ancestral, transmito pela oralidade e que julga importante para as mulheres krenaks?

A nossa língua mãe “Ithok krenak” Língua krenak. Nossas anciãs são nossos “dicionários vivos” elas são as detentoras desses saberes e repassam aos mais novos.

KRENAK, Tormiak Euzileny. Entrevistadora: Pamela Cristina de Gois. Resplendor: 17/08/2022. Entrevista concedida por escrito na íntegra.